

X Histórico do município de Vitória

AD 20364

A história do território onde está situado o município de Vitória remonta a 1534, quando Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo português que se destacara em inúmeras batalhas colonizadoras, recebeu — como prêmio à sua dedicação — uma grande área de terra no Brasil, segundo Carta Régia de 6 e Geral de Confirmação datada de 7 de janeiro de 1534.

Vasco Coutinho equipou a nau Glória, nela embarcando com cerca de 60 homens, entre estes alguns fidalgos como D. Jorge de Menezes e D. Simão de Castelo Branco que para aqui vinham "por mandato de Sua Alteza cumprir suas penitências". A 23 de maio de 1535, aportava a nau Glória numa pequena enseada, nas fraldas do morro da Penha, ao norte do morro do Moreno, onde hoje está situado o município de Vila Velha. Ali começou a colonização do Espírito Santo. Mais tarde, realizando uma exploração marítima, descobriram os colonizadores uma grande ilha a que deram o nome de Santo Antônio, por ser o dia 13 de junho de 1535. O desembarque foi realizado junto a uma ilhotinha que, até hoje, é conhecida como Ilha das Caiéiras, parte insular do atual Bairro de Santo Antônio, em Vitória.

Vasco Fernandes Coutinho, homem de idéias liberais e espírito magnânimo, presenteou seus principais colaboradores com terras das redondezas, cabendo a Ilha de Santo Antônio (atual Vitória) a Duarte de Lemos. O documento original de doação foi um alvará de 15 de julho de 1537, confirmado por escritura perante o notário da Corte, aos 22 de agosto de 1540, em Lisboa.

Duarte de Lemos tomou posse de suas terras, instalando-se na parte alta da ilha onde, ao lado de sua residência, mandou construir uma igreja (que ainda existe) para o culto de Santa Luzia.

Em face da escassez de braços: que pudessem desenvolver a agricultura e promover o desenvolvimento da Capitania, Vasco Coutinho viu-se obrigado a viajar até a metrópole, com o fito de solucionar tal problema. Seu substituto, D. Jorge de Menezes, revelou-se um péssimo administrador. Desrespeitou as normas vigentes, sendo imitado pelos



o nome da povoação que na ilha se desenvolvia, e que se chamava Vila Nova do Espírito Santo, para Vitória. Assim, pôde Vasco Fernandes Coutinho desenvolver o seu governo na ilha de Vitória, livre dos ataques dos aborígenes.

Uma vez afastada a ameaça dos índios, não puderam os habitantes de Vitória viver tranquilos pois ali começaram as invasões estrangeiras, comandadas principalmente por piratas. Os capixabas, porém, incentivados pelos jesuítas, que empunhavam o estandarte de São Tiago, mostraram-se guerreiros valorosos, desbaratando sempre os invasores de terras espírito-santenses. Assim foi em 1561, 1562, 1625 e 1640, quando franceses, ingleses e holandeses tentaram desembarcar e se apossar da Vila de Vitória. Da primeira investida dos holandeses a história registra o ato heróico de Maria Ortiz, que derramou sobre a cabeça do comandante das forças invasoras um tacho de água fervente, fazendo que estes retrocedessem e dando ânimo aos ilhéus para que

instalado o Clube Regatas Saldanha da Gama.

A 11 de junho de 1597 foi enterrado, na capela de São Tiago, em Vitória, o padre José de Anchieta, o evangelizador do Brasil. Em 1769, no dia 1º de agosto, a então Vila da Vitória foi abalada por um terremoto. Nos primórdios do século XIX Vitória era uma vila pobre, com cerca de 5000 habitantes. Foi nesse ambiente que ressoou o grito de D. Pedro I, proclamando a Independência e, pouco depois, por decreto de 24 de fevereiro de 1823, Vitória foi elevada à categoria de cidade. A 24 de fevereiro de 1824 ocupava o antigo Colégio dos Jesuítas — hoje palácio Anchieta — o primeiro presidente da Província do Espírito Santo — Inácio Acioli de Vasconcelos. O primeiro Bispo da Diocese foi D. João Batista Correa Nery, empossado em 23 de maio de 1897. A Comarca de Vitória foi criada a 3 ou 4 de outubro de 1741.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DO ES

nascentes situadas em Minas Gerais, não serviu muito nas comunicações com o sertão, em virtude de ser navegável em apenas 222 km e ser cortado por cachoeiras, não permitindo comunicações contínuas.

Na região ao sul do rio Doce, nota-se uma faixa costeira de terras baixas que orlam um maciço montanhoso. Também são encontrados os tabuleiros, onde se verifica uma das fontes de riqueza do Estado, as areias monazíticas. Além da faixa costeira, encontramos o maciço, formado de rochas cristalinas, desdobrando-se até o litoral em morros ou pontas.

Muito diversa seria a procedência do maciço a oeste da faixa costeira, constituído de rochas cristalinas. O relevo bastante acidentado se projeta a grande altura, como é o caso do pico da Bandeira. O relevo foi trabalhado grandemente pela erosão, como se nota nos vales dos rios Itapemirim e Itabapoana, onde se verifica a presença de algumas planícies.

Na região ao norte do rio Doce, o relevo é atenuado considera-

d'água e lagoas. O rio São Mateus tem na sua foz uma costa de restingas arenosas onde os ancoradouros são difíceis. Por outro lado é importante frisar que a forma natural das lagoas favorece um sistema fluvial quase contínuo entre o Rio Doce e o São Mateus, acessível a embarcação de pequeno porte.

Os tabuleiros desta região são mais extensos e mais altos, possuindo relevo ondulado e solo pobre. Quanto ao relevo cristalino da região norte do rio Doce, é também mais suave.

TIPOS DE CLIMA

Numa abordagem geral, podemos distinguir dois tipos de clima: o primeiro, tropical quente e úmido; o segundo, tropical de altitude, caracterizado por temperaturas mais amenas.

Segundo a classificação climática de Köppen, o Espírito Santo se situa dentro das regiões quentes e úmidas, todavia, a presença de uma zona serrana ao sul do rio Doce faz com que grande parte do Estado tenha um clima mais fresco.

Vitória e uma estreita faixa na base da serra, onde a exposição, favorecendo a maior precipitação, deu origem a um clima mais úmido, e de outro lado o litoral do extremo norte.

SOLOS

Observa-se que a grande maioria do Estado, aproximadamente 77%, é dominada por rochas áridas ígneas metamórficas essencialmente, de composição variada, segundo Brajnikov. Este autor separa uma área no noroeste do Estado de aproximadamente 7.300 km², 16% do Estado, que ele dominou de série de Barra de São Francisco, caracterizada pelos gnaisses básicos meso e melanocráticos de composição de anortositos, gabros e noritos charnockitos. É um facies particular contendo cristais muito grandes podendo atingir até 10 ou 15 cm; frequentemente apresenta um aspecto mácio e xistosidade pouco aparente, principalmente nas zonas de granitização interna. São rochas pertencentes ao período Pré-Cambriano. A norte do rio Doce a encosta tem característica de patamares, superfície aplainada, se bem que formações rochosas mais resistentes emergem do aplainamento geral formando a paisagem de pontões. No Estado existem apenas algumas manchas conhecidas de rochas pertencentes ao período Primário, no sul do Estado e que segundo Brajnikov são granitos, mozonitos e sienitos. Como pertencentes à era Secundária só são conhecidos alguns afloramentos muito pequenos de doleritos, um próximo a Iconha, outro a Itaquari, dois próximos à Serra.

A CAPITAL

Vitória, a capital do Estado, está inserida na Micro-Região 5 e limita-se ao norte com a Serra, ao sul com Vila Velha, a oeste com Cariacica e a leste com oceano Atlântico.

Com uma área de 81 km² é o menor município da Região da "Grande Vitória", dela representando 5,5% e do Estado 0,2%.

A cidade de Vitória possui um clima tropical úmido, caracterizado por temperaturas variáveis, atingindo a média mensal das mínimas a um valor de 18° C e a média mensal das máximas a 30,4° C. A precipitação pluviométrica de Vitória atinge a 1.200 mm. Em Vitória o mês mais quente é o de fevereiro (tempera-

atual Bairro de Santo Antônio, em Vitória.

Vasco Fernandes Coutinho, homem de idéias liberais e espírito magnânimo, presenteou seus principais colaboradores com terras das redondezas, cabendo a Ilha de Santo Antônio (atual Vitória) a Duarte de Lemos. O documento original de doação foi um alvará de 15 de julho de 1537, confirmado por escritura perante o notário da Corte, aos 22 de agosto de 1540, em Lisboa.

Duarte de Lemos tomou posse de suas terras, instalando-se na parte alta da ilha onde, ao lado de sua residência, mandou construir uma igreja (que ainda existe) para o culto de Santa Luzia.

Em face da escassez de braços: que pudessem desenvolver a agricultura e promover o desenvolvimento da Capitania, Vasco Coutinho viu-se obrigado a viajar até a metrópole, com o fito de solucionar tal problema. Seu substituto, D. Jorge de Menezes, revelou-se um péssimo administrador. Desrespeitou as normas vigentes, sendo imitado pelos demais colonos. Com isso foram acirrados os ânimos dos selvagens que passaram a desenvolver uma guerra encarniçada aos pioneiros. Estes, em busca de melhores condições de defesa, transferiram-se para a ilha de Santo Antônio, até onde foram perseguidos pelos silvícolas. Após prolongados e encarniçados combates, os portugueses conseguiram sair vitoriosos. Em homenagem a essa grande conquista, resolveram mudar

o nome da povoação que na ilha se desenvolvia, e que se chamava Vila Nova do Espírito Santo, para Vitória. Assim, pôde Vasco Fernandes Coutinho desenvolver o seu governo na ilha de Vitória, livre dos ataques dos aborígenes.

Uma vez afastada a ameaça dos índios, não puderam os habitantes de Vitória viver tranquilos pois **al começaram as invasões estrangeiras, comandadas principalmente por piratas.** Os capixabas, porém, incentivados pelos jesuítas, que empunhavam o estandarte de São Tiago, mostraram-se guerreiros valorosos, desbaratando sempre os invasores de terras espírito-santenses. Assim foi em 1561, 1562, 1625 e 1640, quando franceses, ingleses e holandeses tentaram desembarcar e se apossar da Vila da Vitória. Da primeira investida dos holandeses a história registra o ato heróico de Maria Ortiz, que derramou sobre a cabeça do comandante das forças invasoras um tacho de água fervente, fazendo que estes retrocedessem e dando ânimo aos ilhéus para que expulsassem os inimigos. Maria Ortiz, grande heroína capixaba, já era nascida na Capitania do Espírito Santo e, em sua homenagem, a ladeira onde esse fato ocorreu — e onde hoje existe uma escadaria — passou a ter o seu nome.

Na segunda metade do século XVI Vitória já contava com um forte para sua defesa. No século XVII foi construído um outro. Também foi construído o forte São João, onde hoje está

instalado o Clube Regatas Saldanha da Gama.

A 11 de junho de 1597 foi enterrado, na capela de São Tiago, em Vitória, o padre José de Anchieta, o evangelizador do Brasil. Em 1769, no dia 1º de agosto, a então Vila da Vitória foi abalada por um terremoto. Nos primórdios do século XIX Vitória era uma vila pobre, com cerca de 5000 habitantes. Foi nesse ambiente que ressoou o grito de D. Pedro I, proclamando a Independência e, pouco depois, por decreto de 24 de fevereiro de 1823, Vitória foi elevada à categoria de cidade. A 24 de fevereiro de 1824 ocupava o antigo Colégio dos Jesuítas — hoje palácio Anchieta — o primeiro presidente da Província do Espírito Santo — Inácio Acioli de Vasconcelos. O primeiro Bispo da Diocese foi D. João Batista Correa Nery, empossado em 23 de maio de 1897. A Comarca de Vitória foi criada a 3 ou 4 de outubro de 1741.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DO ES

Com 45.597 km², o Espírito Santo supera apenas 8 unidades da Federação em tamanho, representando 0,5% do território brasileiro.

Praticamente, o Estado é dividido em duas grandes regiões: o litoral, de terras baixas, e a região de escarpas e planaltos cristalinos.

Da maior importância para o Estado, o rio Doce o corta quase ao meio, entrando nas elevações da Serra do Mar. Estando suas

nascentes situadas em Minas Gerais, não serviu muito nas comunicações com o sertão, em virtude de ser navegável em apenas 222 km e ser cortado por cachoeiras, não permitindo comunicações contínuas.

Na região ao sul do rio Doce, nota-se uma faixa costeira de terras baixas que orlam um maciço montanhoso. Também são encontrados os tabuleiros, onde se verifica uma das fontes de riqueza do Estado, as areias monazíticas. Além da faixa costeira, encontramos o maciço, formado de rochas cristalinas, desdobrando-se até o litoral em morros ou pontas.

Muito diversa seria a procedência do maciço a oeste da faixa costeira, constituído de rochas cristalinas. O relevo bastante acidentado se projeta a grande altura, como é o caso do pico da Bandeira. O relevo foi trabalhado grandemente pela erosão, como se nota nos vales dos rios Itapemirim e Itabapoana, onde se verifica a presença de algumas planícies.

Na região ao norte do rio Doce, o relevo é atenuado consideravelmente.

A baixada costeira é ampla e apresenta verdadeira planície sedimentar, aberta em lagoas, da qual a mais importante é a de Juparanã. Não se verifica nenhum maciço ou superfície cristalina cortando essa planície.

Esta região é de ocupação difícil. A topografia dificulta a drenagem, fazendo com que os rios desçam em busca da costa, e como o clima é úmido, verifica-se ser esta a causa de tantos cursos

d'água e lagoas. O rio São Mateus tem na sua foz uma costa de restingas arenosas onde os ancoradouros são difíceis. Por outro lado é importante frisar que a forma natural das lagoas favorece um sistema fluvial quase contínuo entre o Rio Doce e o São Mateus, acessível a embarcação de pequeno porte.

Os tabuleiros desta região são mais extensos e mais altos, possuindo relevo ondulado e solo pobre. Quanto ao relevo cristalino da região norte do rio Doce, é também mais suave.

TIPOS DE CLIMA

Numa abordagem geral, podemos distinguir dois tipos de clima: o primeiro, tropical quente e úmido; o segundo, tropical de altitude, caracterizado por temperaturas mais amenas.

Segundo a classificação climática de Koppen, o Espírito Santo se situa dentro das regiões quentes e úmidas, todavia, a presença de uma zona serrana ao sul do rio Doce faz com que grande parte do Estado tenha um clima mais fresco.

Quanto à temperatura, a maior parte do Estado apresenta elevada durante todo o ano. São registradas temperaturas médias anuais superiores a 22°, e a média do mês mais frio é maior que 18°.

O regime de chuvas do Estado tem duas estações, uma chuvosa e outra relativamente seca. Este regime de duas estações domina em quase todas as zonas quentes do Espírito Santo, excluindo-se, apenas, de um lado,

devidas de rochas pertencentes ao período Primário, no sul do Estado e que segundo Brajnikov são granitos, mozonitos e sienitos. Como pertencentes à era Secundária são conhecidos alguns afloramentos muito pequenos de doleritos, um próximo a Iconha, outro a Itaquari, dois próximos Serra.

A CAPITAL

Vitória, a capital do Estado, está inserida na Micro-Região 5 e limita-se ao norte com a Serra, ao sul com Vila Velha, a oeste com Cariacica e a leste com o oceano Atlântico.

Com uma área de 81 km² é o menor município da Região da "Grande Vitória", dela representando 5,5% e do Estado 0,2%.

A cidade de Vitória possui um clima tropical úmido, caracterizado por temperaturas variáveis, atingindo a média mensal das mínimas a um valor de 18° C e a média mensal das máximas a 30,4° C. A precipitação pluviométrica de Vitória atinge a 1.200 mm. Em Vitória o mês mais quente é o de fevereiro (temperatura máxima média de 30,4° C) e mais frio é o de julho (temperatura mínima média de 18° C).

Destacam-se os seguintes acidentes geográficos: morros de Bento Ferreira, Barro Vermelho, Itararé, Santo Antônio, Cabra Grande, Gurigica, Cometa, Itapenambú, Guajuru, o Pico Fr Leopardi, além da Ponta de Tubarão, uma barreira terciária que mergulha abruptamente no oceano e localiza-se na planície de Goiabeiras.